

UNIVERSIDADE DE UBERABA  
GABRIELLA LAYLA MARCELINO FERREIRA

**Trabalho na modernidade líquida e suas implicações para a  
subjetividade dos trabalhadores: breves apontamentos sobre o  
estado do conhecimento entre 2018 e 2022**

Orientadora: Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Sálua Cecílio

UBERABA, MG

2022

UNIVERSIDADE DE UBERABA  
GABRIELLA LAYLA MARCELINO FERREIRA

**Trabalho na modernidade líquida e suas implicações para a  
subjetividade dos trabalhadores: breves anotações sobre o estado  
do conhecimento entre 2018 e 2022**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em  
Psicologia pela Universidade de Uberaba, como  
requisito parcial para aprovação.

Orientadora: Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Sálua Cecílio

UBERABA, MG

2022

## DEDICATÓRIA

Desculpe o transtorno, mas antes de findar esse ciclo, preciso falar sobre o amor.

Para ser mais clara, preciso falar que o amor não é nada do que eles disseram que era. O amor não é uma representatividade do romântico, não é a espera pelo príncipe encantado e nem a crença de que ele, obrigatoriamente, exista por laços sanguíneos. O amor é uma metáfora para existência humana, é aquilo que floresce na mais profunda psique da alma dos indivíduos.

E foi o amor que me trouxe até aqui. Mais especificamente, o amor em forma de gente. Laida Helena, despejada socialmente do cargo de tia pelo não parentesco de consanguinidade. Mulher, que se opôs ao divórcio com um rótulo imposto. Que acolheu e não abandonou o lugar que era seu, quando todos os olhares julgavam que era o certo a se fazer. Que acreditou no meu potencial quando nem eu mesma acreditava.

Hoje, quem vos fala, não é a formanda. Mas sim, a criança que vive no adulto que me tornei. Aquela que não foi despejada do cargo de sobrinha, que foi resgatada pela mulher que cuidou, que acolheu e que a amou sem ter a obrigação de amar.

E é essa mesma criança em forma de mulher que dedica esse momento a você, Tia Laida... Gratidão por acreditar em mim e por acender a luz para que eu enxergasse a verdadeira potência que eu sou. Essa conquista é toda sua.

## AGRADECIMENTOS

A trajetória até a finalização desse ciclo acadêmico contou com o apoio de diversas pessoas, dentre as quais agradeço:

À minha família e amigos, que compreenderam minha ausência durante os últimos períodos acadêmicos. Em específico, agradecer à minha mãe e ao meu irmão que estiveram ao meu lado a cada momento de fraqueza. E ao meu pai que mesmo diante das intercorrências da vida, permaneceu me apoiando.

Aos professores, que caminharam ao meu lado, trazendo grandes ensinamentos a cada período da graduação.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sálua Cecílio, que me apoiou e nunca desistiu do nosso trabalho, me ajudou a cada passo para a construção deste estudo.

Por fim, agradeço a todos que estiveram comigo ao decorrer dessa trajetória, mesmo que não estejam listados, nome a nome, quero que saibam que contribuíram de alguma forma para meu crescimento, seja pelas palavras gentis em dias difíceis ou até mesmo com os puxões de orelha, quando necessário.

## RESUMO

A cada período da história formam-se novos homens e novas mulheres dentro de novos paradigmas específicos daquele tempo. Assim, os indivíduos tornam-se, involuntariamente, sujeitos adaptáveis ao constante fluxo de informações e tecnologias de cada período, tendo sua subjetividade exposta à condição de vulnerabilidade. Esta pesquisa bibliográfica, do tipo estado do conhecimento, apresenta as complexidades para lidar com o trabalhador, de maneira a considerar sua subjetividade e desenvolver essa proposta, sob formas concretas. Tem como objetivo analisar as relações de trabalho no contexto de flexibilização do capital e discutir possíveis efeitos para a subjetividade dos trabalhadores. Para isso, tomou como referenciais teóricos os estudos acerca das implicações das transformações ocorridas no trabalho estudadas por Zigmund Bauman (2001), Richard Sennett (1999), Harry Braverman (1977), Ricardo Antunes (1995), dentre outros. A metodologia incluiu um mapeamento da produção científica sobre as implicações do trabalho para a subjetividade dos trabalhadores na modernidade, visando compreender a inter-relação trabalho, flexibilização e subjetividade. A pesquisa teve como fontes as bases de dados SciELO e Google Scholar, buscando recuperar e mapear produções na forma de artigos e livros, que contribuíssem para elaborar breves considerações sobre o estado do conhecimento referente ao trabalho na modernidade líquida, em tempos de capitalismo flexível. Os resultados encontrados se fundamentam em breves achados sobre o estado do conhecimento dos impactos do processo de flexibilização sobre a vida dos trabalhadores. Tendo em vista os aspectos teóricos recuperados, os textos analisados apontaram o enfrentamento de problemas de saúde e de permanência instável no mercado de trabalho, o que é uma característica da modernidade líquida propalada por Bauman (2001) e da flexibilização das relações de trabalho descritas por Sennett (1999), se faz necessária a formação de novos comportamentos dos trabalhadores para se inserirem no modo capitalista de produção.

**Palavras-chave:** trabalho; subjetividade; modernidade; capitalismo; saúde do trabalhador.

## MEMORIAL

### TRAJÉTORIAS BIOGRÁFICAS COM FOCO NO TRABALHO

Sou Gabriella Layla Marcelino Ferreira, a mais velha de três irmãos. Nascida e criada em Araxá- MG, uma cidade de 100 mil habitantes no Triângulo Mineiro. Anteriormente, até o início de minha adolescência, conhecida como Gabriella Layla Marcelino de Oliveira. Essa alteração de nome se deu em decorrência de uma mudança de paternidade, é ela, a responsável por toda a compreensão do meu eu como um ser único e dissociado de um rótulo socialmente imposto.

Hoje, no auge dos meus 23 anos, guiada pela compreensão que, outrora, tive e ao dar início a construção de minha carreira profissional, venho buscando a minha capacitação e meu lugar no mercado de trabalho, alinhando aos alicerces dessa construção, a busca pela independência financeira, somada aos planos futuros de mudança para uma residência solo.

Um pilar básico para alcançar esse objetivo, é a minha graduação no curso de Psicologia na Universidade de Uberaba, que se encontra, hoje, em fase de finalização. O curso me surpreendeu positivamente. Além do quesito profissionalização, ele foi um processo formativo de grande importância para o meu crescimento pessoal, bem como para a construção de minha ética, tanto como pessoa quanto como profissional. No decorrer de minha trajetória no curso, tive contato com uma gama de estágios obrigatórios, que possibilitou o conhecimento em diversas áreas da psicologia – jurídico, social, hospitalar, clínico, entre outros – me proporcionando uma clara e abrangente visão sobre o papel do psicólogo em cada uma das áreas citadas.

A construção dessa visão se deu pela mediação de grandes profissionais da área, que além da posição de professores, se colocaram ali como seres humanos empáticos, construindo vínculos consistentes e possibilitando uma troca mútua de vivências. Essa posição foi fundamental para o engajamento e parceria da turma, fortalecendo o elo entre os indivíduos e tornando o período de cinco anos até a graduação mais leve e acolhedor.

### EXPERIÊNCIAS E ESCOLHAS

Diante de todas as disciplinas propostas na grade do curso e as vivências de estágios adquiridas ao longo dos anos, a área de maior identificação foi a Psicologia Organizacional. Essa área da psicologia é relacionada ao estudo do comportamento humano dentro das empresas, visando entender o papel dos indivíduos, grupos e instituições. Ela estuda a empresa

em seus diferentes aspectos, integrando pessoas e recursos que possibilitam a sua performance. Ela tem como foco identificar o indivíduo como um todo em seu ambiente de trabalho, realizando estratégias para favorecer seu desenvolvimento como um ser ativo no local, reconhecendo o seu papel e sua relação com a organização e a sociedade.

O Psicólogo Organizacional tem papel fundamental em diversas áreas da instituição como, por exemplo, recrutamento e seleção, cultura organizacional, gestão de conflitos, treinamento e desenvolvimento e mais uma gama de possibilidades. A desenvoltura desse profissional em cada uma das áreas existentes, diretamente ou indiretamente, tem o papel de promover o bem-estar dos funcionários, contribuindo para melhoria na produtividade, redução do turnover e aumento da motivação. A partir do conhecimento sobre a área, o desejo de atuação nesse setor vem guiando minha tomada de decisão no campo profissional.

## O INGRESSO PRECOCE NO MERCADO DE TRABALHO: CENTRALIDADE DO TRABALHO NA MINHA VIDA

Iniciei minha trajetória profissional aos 15 anos, realizando um trabalho informal, como secretária de hidroterapeuta. Esse tipo de trabalho é definido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), como a categoria que engloba os trabalhadores empregados no setor privado sem carteira assinada. Considerando os dados divulgados pelo próprio IBGE (2022), 40,1% da população brasileira exerce esse tipo de trabalho. Essa modalidade não abrange os direitos que uma pessoa com a carteira assinada tem, como, por exemplo, 13º salário, férias remuneradas, FGTS, assistência médica, vale transporte, seguro-desemprego, licença maternidade, entre outros benefícios. Por outro lado, é menos burocrático, tem flexibilidade de horários, maior autonomia, possibilidade de parar de produzir ou trocar de serviço sem aviso prévio.

Ao atuar nessa modalidade de trabalho, exercia a atividade por meio período, tendo como funções a realização da lista de presença de cada turma, recebimento da mensalidade, aferir a pressão de cada aluno antes das aulas e organizar os equipamentos utilizados. Pela pouca idade, qualificação não específica e carga horária de trabalho de tempo parcial, o salário era baixo e não havia sentimento de pertença a organização, porém o mercado exige experiência para contratação CLT, e vi nessa oportunidade um caminho para abrir portas futuras.

Após o período de 6 meses comecei a trabalhar como freelancer, conciliando as duas atividades. A contratação para essa função era realizada por uma empresa de prestação de serviços, ou seja, uma empresa de terceirização do trabalho. Para cada evento possuía uma função diferente como, recepcionista, garçomete, limpeza, segurança, portaria e cozinha,

atendendo a demanda solicitada pela empresa contratante. E assim, como na experiência anteriormente citada, não havia um sentimento de pertença a organização. A ausência desse sentimento se dava em decorrência da carga horária parcial, da diferença na uniformização e na tratativa em relação aos funcionários fixos das organizações.

A modalidade do trabalho terceirizado representa o processo pelo qual a empresa contrata outra empresa para prestar determinado serviço, em vez de contratar funcionários para si mesma. Nessa modalidade, o trabalhador pode ter ou não sua carteira assinada pela empresa de prestação de serviço, privando a empresa contratante de toda a responsabilidade sobre a assinatura da carteira dos profissionais. Em decorrência dessa privação há uma redução nos custos que a empresa teria se fosse a contratante direta dos profissionais, porém o objetivo maior dessa terceirização é proporcionar flexibilidade e agilidade nos processos a serem desenvolvidos dentro na empresa. Ressaltando que no caso da experiência citada anteriormente, não havia carteira assinada.

Após um ano, findei minha experiência como secretária, ficando apenas como freelancer e em busca de uma oportunidade com carteira assinada. O interesse no mercado de trabalho por meio da CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), se deu em decorrência de estar entrando na maior idade, pelo desejo de possuir todos os direitos que um trabalhador empregado com a carteira assinada tem e a busca por se sentir pertencente a uma organização em específico.

## A OPORTUNIDADE DE UM TRABALHO PELO REGIME CELETISTA

Quando completei 18 anos, por meio de um processo seletivo, dividido em três etapas – avaliação de currículo, prova de múltipla escolha e redação - consegui meu primeiro trabalho com carteira assinada, em uma loja de rede varejista na cidade. Tinha como atribuições operar caixa, crediário, fechar consistência, chamados, organização e reposição da loja.

Inicialmente conciliava o trabalho de freelancer, com a loja e a faculdade. Foi um período de grande crescimento pessoal e de desenvolvimento da maturidade. Apesar disso, em mesma proporção, foi um período de grande desgaste físico, pois além da correria de um para outro trabalho, era necessária a concentração para estudar.

Após um ano, houve a necessidade de parar com atividade de freelancer constante, realizando o trabalho apenas esporadicamente, em decorrência da necessidade de maior dedicação para a faculdade.

Durante minha trajetória na loja, houve um aumento no afastamento de colaboradores por adoecimento psicológico adquirido na mesma. Como se tratava de uma filial, o departamento de Recursos Humanos (RH) é terceirizado, e o gestor que não acreditava que o



adoecimento dos funcionários advinha da empresa, se absteve e deixou a situação se agravar cada vez mais, sem um plano estratégico para melhoria. Esse plano estratégico trata da formulação de um processo de identificação dos déficits, das oportunidades e do desenvolvimento de uma estratégia com foco nos objetivos e metas traçados, a serem alcançados pela empresa como um todo.

O RH terceirizado é caracterizado pela transferência de serviços relacionados às rotinas de Recursos Humanos a uma empresa terceira com expertise na área. Sua principal função é dar fluidez e dinamismo às referidas rotinas da área, além de que, com o RH terceirizado, se faz possível reduzir os custos e as despesas que se teria caso se área fosse própria da empresa.

## DA PRÁTICA À FORMAÇÃO TEÓRICA

Coincidentemente, nesse mesmo período tive contato com a disciplina de psicologia organizacional, que consiste em um ramo, especialidade da psicologia que estuda o comportamento humano dentro da empresa. Abrange, também, a amplitude de atuação do profissional de psicologia na área, englobando a promoção do bem-estar, retenção de talentos, como também recrutamento e seleção.

Diante de todo o contexto em que estava inserida e perante o vasto conhecimento adquirido sobre a área organizacional, decidi ir em busca de uma oportunidade que possibilitasse atuação e desenvolvimento dentro da organização, mais especificamente, com atuação na minha área de estudo – psicologia organizacional. Visando alcançar a oportunidade almejada, participei de dois processos seletivos para estágio remunerado na área organizacional. Um deles foi suspenso e o outro, tinha seu processo seletivo dividido em quatro etapas – avaliação de currículo, entrevista, entrevista com gestor, entrevista com líder direto. Submeti-me ao processo seletivo e após a aprovação nas quatro etapas, consegui a vaga.

O campo de atuação do estágio era em uma indústria de batatas pré-fritas congeladas. Era uma oportunidade de lidar com o ambiente de um setor ainda desconhecido por mim. Perante o desafio do desconhecido, não houve hesitação em deixar a loja em que estava trabalhando há três anos, enxergando nesse estágio uma grande oportunidade de crescimento profissional.

Iniciei na empresa como estagiária de RH, atuando frente ao subsistema de retenção de talentos, com foco em um Projeto de Bem-Estar junto à assistente social. Minhas funções consistiam no acompanhamento de colaboradores afastados, criação de ações para promoção do autocuidado, entrevista de desligamento gestor/colaborador, criação de intervenções mediante déficits levantados na empresa. Ao ter contato com uma empresa que valoriza seu

colaborador e preza por um bom clima organizacional, o desejo de adquirir maior aprendizado e realizar com êxito as funções é estimulado e se sobressai em relação ao medo de uma não efetivação futura. O contrato de estágio era de seis meses e, ao longo desse período, aproveitei a oportunidade e aprendi muito com a assistente social, bem como, com cada subsistema do meu setor – treinamento e desenvolvimento, recrutamento e seleção e benefícios. Ao finalizar o período de estágio, recebi uma proposta de efetivação, alinhando alguns pontos com a empresa devido à demanda da carga horária da faculdade. Eles aceitaram, fui contratada como assistente II de RH. E junto com a contratação vieram novas responsabilidades, como: programa de luto, integração de novos colaboradores, levantamento da necessidade de determinados treinamentos, voluntariado, mediação do clima organizacional, feedback gestor/colaborador e organização de eventos, ações e brindes. Essa oportunidade de emprego tem me proporcionado grande crescimento profissional e pessoal. Diante da flexibilidade de horário que a empresa oferece, consigo conciliar o trabalho com a faculdade e os demais estágios obrigatórios. Além disso, cada dia é um desafio diferente e um aprendizado novo compartilhado entre os profissionais do setor.

Hoje, meu plano de carreira é o aprimoramento de minha atuação na área organizacional, buscando ter contato e adquirir experiência em cada subsistema da área de Recursos Humanos. Bem como, tenho planejado para o ano de 2023 um MBA em Psicologia Organizacional e do Trabalho, com possibilidade de nova graduação em Recursos Humanos. Estar sempre perto e disponível ao mundo acadêmico vai me propiciar uma consolidação do meu eu enquanto profissional, abrindo margem para a compreender, cada vez mais, as possibilidades que o mundo do trabalho tem a me oferecer.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2</b>	<b>MARCOS TEÓRICOS</b> .....	13
	<b>2.1</b> <b>Processos de trabalho no capitalismo contemporâneo</b> .....	13
	<i>2.1.1 Flexibilização do trabalho</i> .....	17
	<b>2.2</b> <b>Trabalho flexível e subjetividade no capitalismo contemporâneo</b> .....	20
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA DO MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA FORMA DE ARTIGOS</b> .....	23
	<b>3.1</b> <b>Material recuperado</b> .....	23
	<b>3.2</b> <b>Seleção da produção</b> .....	25
	<b>3.3</b> <b>A produção científica: resultados e discussões</b> .....	27
	<i>3.3.1 Resultados e Discussões</i> .....	27
<b>4</b>	<b>TRABALHO NA MODERNIDADE LIQUIDA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A SUBJETIVIDADE DOS TRABALHADORES: BREVES APONTAMENTOS SOBRE O ESTADO DO CONHECIMENTO ENTRE 2018 E 2022</b> .....	30
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	33

## 1 INTRODUÇÃO

A história tem mostrado que cada período que a constitui recebe uma denominação, escolhida conforme suas características econômicas, políticas, sociais e culturais. A cada período da história formam-se novos homens e novas mulheres convergentes aos novos paradigmas específicos daquele tempo. Sugestivamente, os indivíduos se tornam, involuntariamente, sujeitos adaptáveis ao constante fluxo de informações e tecnologias de cada período. Diante de uma realidade que está em constante transformação eles se veem, equiparadamente, tendenciosos a se adaptarem a toda e qualquer modificação no tempo presente.

O período atual recebe distintas denominações, dentre elas, “modernidade líquida”. Termo utilizado pelo sociólogo polonês Zigmund Bauman (2001) para metaforizar que assim como os líquidos que estão sempre propensos a mudar sua forma adequando-se ao recipiente ou ao espaço em que se encontram, na modernidade as pessoas estão fazendo o mesmo. O que é de uma forma hoje, já não é mais amanhã. Dentro dessa condição líquida, temos o que Sennett (1999) reconhece sobre a necessidade do mercado de encontrar trabalhadores dispostos a enfrentarem desafios, se reinventarem e estarem em constante aprendizado, a fim de acompanhar as necessidades das produções, o que chamou de flexibilização do capitalismo. Partindo das concepções citadas e ao abordar outros sociólogos e pesquisas relacionadas a temática ao decorrer do estudo, se evidencia que em decorrência dessas adaptações para acompanhar as necessidades de produção, os trabalhadores foram afetados em suas subjetividades. Ao acompanhar tais necessidades, as implicações para suas subjetividades se destacam diante das mudanças que vão desde estresse emocional, falta de sentimento de pertencimento à organização onde atuam como funcionários, bem como, mudança nos posicionamentos políticos, falta de apoio de superiores, vulnerabilidade diante das perdas consideráveis dos direitos, mudanças de comportamentos e perda de autonomia, sofrimentos psíquicos, dentre outros os quais serão abordados nesse relatório de pesquisa, em forma de Trabalho de Conclusão de Curso.

Nesse sentido, o presente estudo tem como tema a influência das modificações das relações de trabalho no contexto de flexibilização do capital para a subjetividade do trabalhador. Considerando o contexto econômico, social e político atual, ligado ao capitalismo e desligado dos direitos das classes trabalhadoras, o problema desta pesquisa está no que se modifica na dinâmica relacional do trabalho diante da flexibilização do capital e como os novos paradigmas de uma sociedade contemporânea impactaram alteração dos vínculos empregatícios e na

adaptação dos sujeitos à nova realidade e como isso tem atingido a subjetividade dos trabalhadores.

Tendo como objetivo geral construir um estado de conhecimento acerca das implicações das transformações ocorridas no trabalho para a subjetividade dos trabalhadores e trabalhadoras, a pesquisa se iniciou recuperando produções sobre a trajetória do capitalismo e seus impactos sociais, dando ênfase a sua influência para a subjetividade dos trabalhadores. Como objetivos específicos, buscamos conhecer as abordagens desses autores acerca do tema proposto; mapear estudos realizados no período de 2018 a 2022 sobre o tema; fazer uma triangulação do trabalho e da flexibilização das relações no mundo contemporâneo correlacionando com as subjetividades dos trabalhadores, incluindo a formação, dados e biografia da proponente deste estudo.

Obtidos os resultados e realizadas as análises, o conteúdo deste TCC foi organizado em seções e subseções, conforme segue. A primeira é uma introdução ao tema e seu contexto. Tem como objetivo situar o leitor em relação ao objeto da pesquisa trabalhado. Na seção 2, destacam-se os marcos teóricos referentes aos períodos da evolução do capital. Se tem em sua subseção a relação entre trabalho e flexibilização das relações no mundo contemporâneo. Apresentando, também, o trabalho flexível e a subjetividade no capitalismo contemporâneo. Apontados o contexto e os marcos teóricos, na seção 3, descreve-se a metodologia utilizada no estudo. Em suas subseções apresenta o mapeamento da literatura utilizada no estudo que foram recuperadas das bases de dados SciELO e Google Scholar, utilizando palavras chaves específicas: trabalho, capitalismo, modernidade, subjetividade e saúde do trabalhador. Sendo publicados no período que vai de 2018 a 2022 e foram analisados em duas etapas, considerando: título, origem, metodologia e resultados. Os resultados e discussões acerca do tema trabalhado destaca os impactos do processo de flexibilização sobre a vida dos trabalhadores. A seção 5 consiste em uma breve análise do estado do conhecimento explorando a temática proposta, considerando os resultados do mapeamento se tem breves achados sobre o estado do conhecimento dos impactos do processo de flexibilização sobre a vida dos trabalhadores. E a seção 6 conclui o trabalho a partir da exposição dos aspectos teóricos recuperados e dos textos analisados, se tem apontamentos entorno do enfrentamento de problemas de saúde e de permanência instável no mercado de trabalho, o que é uma característica da modernidade líquida propalada por Bauman (2001) e da flexibilização das relações de trabalho descritas por Sennett (1999), evidenciando a necessidade da formação de novos comportamentos dos trabalhadores para se inserirem no modo capitalista de produção.

## **2 MARCOS TEÓRICOS**

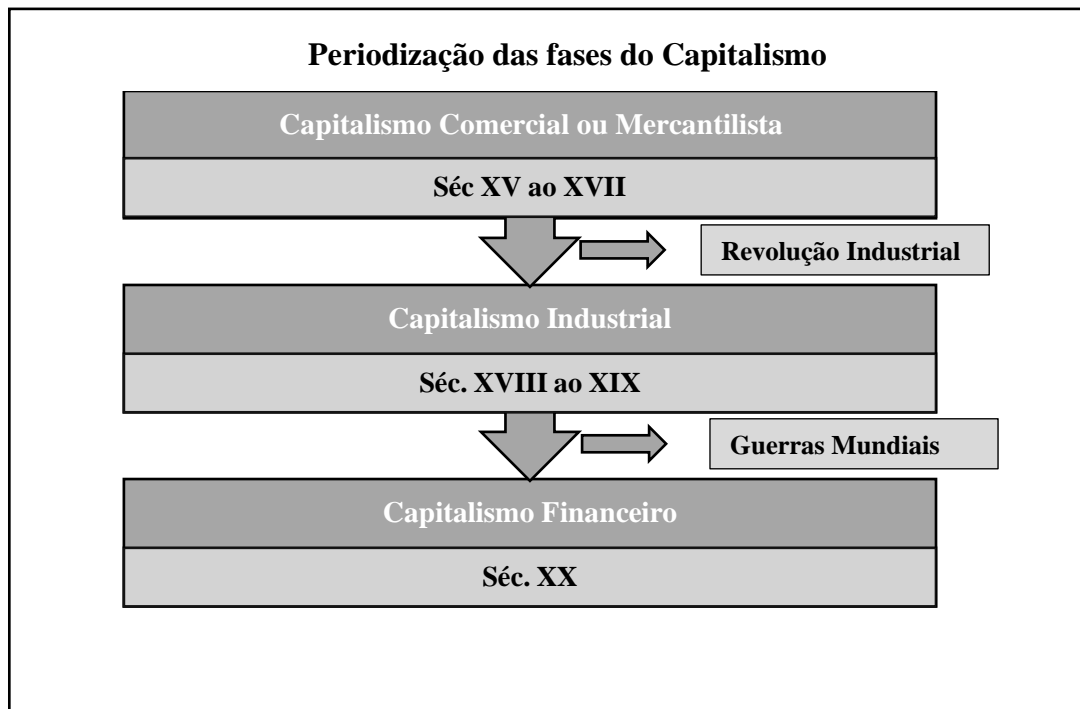
Partindo do pressuposto de que cada período que constitui a história é marcado por uma denominação escolhida conforme suas características econômicas, políticas, sociais e culturais, apresentam-se nessa seção os marcos teóricos da trajetória do capital até os dias atuais. Ele é tido como o influenciador de toda problemática entorno da flexibilização e da subjetividade das relações de trabalho.

Compreende-se que o objeto de estudo em questão vem sofrendo adaptações de acordo com as fases de evolução do capitalismo, que, por décadas, vem sendo um dos principais alvos de crítica. Desde o princípio, muitos pensadores apontaram suas deficiências e, ainda que de maneiras diferentes, mostraram que as relações de trabalho são sempre desiguais e exploratórias. No entanto, à medida que o capitalismo se desenvolveu, algumas das suas características foram-se alterando, de forma que, atualmente, é possível afirmar que as relações de trabalho são cada vez mais flexíveis.

### **2.1 Processos de trabalho no capitalismo contemporâneo**

Para compreender as modificações no campo do trabalho, é necessário entender que ao longo da história houve grandes marcos para humanidade, dentre eles, a evolução do sistema capitalista. O qual modificou muito a vida do trabalhador e potencializou a indústria. É a partir de uma breve evidenciação da evolução desse sistema que se inicia essa seção.

De antemão, pode-se afirmar que as mudanças no sistema econômico capitalista, respingaram aos campos políticos, sociais, éticos e culturais, por ter sua base consolidada na divisão da sociedade em classes. Essa divisão se manifesta sempre que há mudanças significativas nas formas de vida e nas relações de produção, se baseando pela propriedade privada, pela acumulação de capital e a busca incessante pelo lucro. Nesse sistema, vemos seus bens e serviços produzidos para fins lucrativos, incluindo a capacidade humana de trabalho como uma mercadoria de venda. A linha histórica do capitalismo possibilita sua visualização por meio de uma possível periodização do seu processo de desenvolvimento, tendo como parâmetro as relações de produção, conforme pode-se observar na Figura 1.

**FIGURA 1:** Demonstrativo da Ordem Mundial e o Setor Terciário na Globalização.

**FONTE:** Livro.01 A Ordem Mundial e o Setor Terciário na Globalização. Pré-vestibular, COC.

Seguindo o desenvolvimento da história do capitalismo, cujas fase seguem no quadro acima, a linha evolutiva desse sistema se dá por meio de três fases: capitalismo comercial (séc. XV ao XVIII), capitalismo industrial (séc. XVIII ao XIX) e capitalismo financeiro (a partir do séc. XX).

Para Pena (s/d), na primeira fase desse sistema se tem o modelo mercantilista (séc. XV ao XVIII), também conhecido como, capitalismo comercial ou pré-capitalismo, que ocorreu na Europa por meio de um conjunto de práticas e ideias econômicas durante a transição do feudalismo para o capitalismo. Mesmo tendo três características centrais – intervenção do Estado, metalismo e colonialismo - essa economia se baseia no controle e na busca de matérias-primas e metais preciosos, além da intensa troca comercial com os outros países. Com a inexistência de uma forte industrialização nos países da Europa, a troca comercial era o estilo de negócio mais forte durante esse modelo capitalista.

Sua segunda fase, denominada industrialismo ou capitalismo industrial (séc. XVIII ao XIX), se iniciou com a Primeira Revolução Industrial (1760), marcada pela introdução da máquina a vapor na produção, dando início à transição de uma produção manufatureira para uma produção industrial. Adam Smith (1790), um dos principais teóricos do Liberalismo, em defesa da não intervenção do Estado na economia, destaca que o jogo econômico era regido

pela lei da oferta e da procura. A partir desse processo de industrialização - troca da mão de obra humana para a máquina – a economia foi dominada pela produção em massa e a indústria se tornou o principal setor econômico. Sendo estabelecida, definitivamente na segunda metade do século XIX com a Segunda Revolução Industrial, também conhecida como Revolução Tecnológica, que se dá pelo aprimoramento de técnicas, o surgimento de novas máquinas e a introdução de novos meios de produção. (PENA, s/d)

Pena (s/d) afirma ainda que, a terceira fase, é conhecida como capitalismo financeiro ou monopolista (a partir do séc. XX), que foi marcada pelo crescimento da especulação monetária e pelo maior peso do setor bancário na economia. Sua consolidação foi gradativa ao processo de transformação das empresas em ações, ou melhor dizendo, a fragmentação dos títulos dessas empresas em várias ações que são comercializadas livremente. Nessa conjuntura temos o sistema bancário como os maiores financiadores das empresas por meio de empréstimos ou investimentos diretos, constituindo uma complexa relação de complementariedade.

Ao evidenciar as fases do capitalismo observa-se que aconteceram várias transformações no campo político que afetaram a vida da população, movimento que é conhecido como globalização e que pode ser compreendido como uma nova forma de reprodução do capital. Além das transformações no campo político, a globalização também traz em si um processo de crescente interdependência econômica, social e cultural entre as nações do mundo.

A globalização mundial, sendo acelerada pelo comércio, investimento, tecnologia, mobilidade de capital e informação, tem o capitalismo como um sistema predominante em grande parte do mundo, com sua lógica de produção e reprodução de maneira desigual. Esse sistema tem como princípio a competição acarretando cada vez mais a desigualdade social entre a população. Bauman (2009), um dos sociólogos escolhidos para guiar o estudo, traz em suas convicções a respeito do modelo capitalista, em *Capitalismo Parasitário*, uma comparação ao atual modelo com um vírus que tem seu sucesso em decorrência da miséria do outro. Em suas palavras:

[...] o capitalismo é um sistema parasitário. Como todos os parasitas, pode prosperar durante certo período, desde que encontre um organismo ainda não explorado que lhe forneça alimento. Mas não pode fazer isso sem prejudicar o hospedeiro, destruindo assim, cedo ou tarde, as condições de sua prosperidade ou mesmo de sua sobrevivência. (BAUMAN, 2009, p.02).

A crítica do sociólogo ao modelo vigente, se faz, também, quando ele faz uma comparação entre o Estado e o modelo econômico ali inserido. Que, segundo ele, resulta nas relações como moeda de troca, incluindo as relações de trabalho, que se baseiam priorizando os interesses dos mercados. Bauman (2009) ainda entende que o alinhamento entre o Estado e



o modelo econômico – capitalismo – é prejudicial as relações sociais, pois reforça a competição entre os indivíduos mantendo a busca constante por lucros, incluindo, também, a exploração do trabalhador.

Em determinado momento de sua obra – especificamente no capítulo *Cultura da Oferta* – Bauman cita Pierre Bourdieu: “A cultura vive de sedução, não de regulamentação; de relações públicas, não de controle policial; da criação de novas necessidades/desejos/exigências, não de coerção.” (BOURDIEU *apud* BAUMAN, 2009, p.33). Ainda, segundo Bauman (2009), é a partir desse pressuposto que a cultura, hoje, assume um papel significativo para a sociedade de consumo. As afirmações do autor buscam descrever como a sociedade moderna é influenciada pelo consumo de produtos e serviços, manifestando-se de diferentes maneiras, mas sempre com a mesma crença de que esse consumo é uma maneira de se alcançar o sucesso e a felicidade.

Essa cultura de consumo também se destaca diante da crença de que o status social e a identidade pessoal são baseadas em quão bem as pessoas podem consumir. A sociedade encarrega as pessoas de uma suposta liberdade de consumir, o sujeito sede aos encantos daquilo que o envolve e lhe conquista pelos olhos. Buscando sempre obter o objeto mais bonito, mais novo e que se sobressaia perante os bens e produtos que o outro indivíduo de seu círculo social tenha adquirido. As práticas sociais contemporâneas consistem na permanente troca, enaltecendo o consumo como algo libertador, que está, também, inserido em um contexto de competitividade, mantendo ativa a “dança das cadeiras”, citada por Bauman (2009, p. 10): “A vida na sociedade líquida moderna é uma versão perniciososa da dança das cadeiras, jogada para valer. O verdadeiro prêmio nessa competição é a garantia (temporária) de ser excluído das fileiras dos destruídos e evitar ser jogado no lixo”.

Tendo ciência de que todos os seres humanos possuem distintas necessidades que vão de acordo com sua adaptação ao contexto social em que está inserido, Bauman (2001) define o tempo presente como “modernidade líquida”. Essa “liquidez” se traduz pela capacidade do indivíduo de adaptação, assim como os líquidos que estão sempre propensos a mudar sua forma adequando-se ao recipiente ou ao espaço em que se encontram, na modernidade as circunstâncias também têm esta propensão. O que é de uma forma hoje, já não o é mais amanhã. Esse movimento se faz notório pela maneira a qual o sujeito se insere, superficialmente, em um grupo priorizando suas necessidades e se pondo pronto para se desfazer do que possui perante a proposta de algo novo, ou algo que se adeque as exigências atuais das novidades do meio social.

Esse movimento líquido vem acompanhado de significativas transformações na relação do trabalho com o sujeito, mediados pelos processos de subjetividade do trabalhador, que se

intensifica por meio de sua adaptação ao modo capitalista de produção. Braverman (1977), no Capítulo 6 de sua obra *Trabalho e Capital Monopolista* aborda que a habituação do trabalhador ao modo capitalista deve ser renovada a cada geração, tanto mais que as gerações formadas sob o capitalismo não são formadas dentro da matriz da vida de trabalho, mas jogadas no trabalho vindas de fora. Citou que:

[...] a necessidade de ajustar o trabalhador ao trabalho em sua forma capitalista, de superar a resistência natural intensificada pela tecnologia mutável e alternante, relações sociais antagônicas e a sucessão de gerações, não termina com a "organização científica do trabalho", mas se torna um aspecto permanente da sociedade capitalista (BRAVERMAN, 1977, p. 124).

Para Braverman (1977), mesmo não considerando as pesquisas aptas para delimitar os níveis de influência sobre a habituação dos trabalhadores a produção do capital, lança uma questão importante: "Se a adaptação do trabalhador ao modo capitalista de produção deve pouco aos esforços dos manipuladores práticos e ideológicos, como de fato ela se realiza?" (BRAVERMAN, 1977, p. 129) Ao reconhecer a histórica e política do mundo capitalista no processo de ajustamento dos conflitos e revoltas que o acompanham, o autor, traz, involuntariamente, diferente perspectiva sobre tal influência, pois se há conflitos e revoltas evidencia-se a existência da mediação de subjetividades. Explicitando, posteriormente, a questão:

Se as mínimas manipulações dos departamentos de pessoal, a Psicologia e Sociologia da indústria não desempenharam papel mais importante na habituação do trabalhador ao trabalho, conseqüentemente isto não significa que o "ajustamento" do trabalhador está isento de elementos manipulativos. Pelo contrário, como em todo funcionamento do sistema capitalista, a manipulação vem em primeiro lugar e a coerção é mantida na reserva - exceto que esta manipulação é o produto de forças econômicas poderosas, políticas de emprego e barganha, e a atuação e evolução íntimas do próprio sistema capitalista, e não primacialmente dos hábeis esquemas de peritos em relações trabalhistas. (BRAVERMAN, 1977, p. 133).

Somente com a consideração de que a produção de trabalho não é automática e de que a relação dos homens com o trabalho, não é natural, é que se compreende, também, o lugar da mediação da subjetividade que atua no sentido de produzir e reproduzir os sujeitos, ao mesmo tempo em que produz e reproduz a produção de trabalho. A subjetividade, é, de fato, o lugar da mediação entre o indivíduo e a sociedade, e também, o lugar da mediação entre o trabalho e o capital, constituindo o trabalhador como sujeito produtor. Ficando nítido, que, Braverman (1977) não recusou a existência da influência da mediação da subjetividade.

### 2.1.1 Flexibilização do trabalho

Considerando o desenvolvimento do sistema capitalista, anteriormente citado, e partindo da compreensão da existência da mediação da subjetividade no contexto da sociedade moderna, temos os sujeitos, mais uma vez, como os líquidos, se adaptando ao comportamento moderno, considerado comportamento de curto prazo. Onde as relações interpessoais apresentam laços fracos descaracterizando as relações duradouras, substituindo vínculos e realizações sólidas por novas aquisições e cargos.

Esses laços fracos se refletem no trabalho, diante das formas passageiras de associação do indivíduo com as organizações. Sennett (1999) em seu livro *A corrosão do caráter* traz a visão do sociólogo americano Mark Granovetter, que buscou entender como acontece a difusão de informações, abordando em sua teoria que as redes institucionais modernas se caracterizam pela “força de laços fracos”, explicitando que as formas passageiras de associação são mais úteis as pessoas que as ligações de longo prazo.

No trabalho a ânsia por uma carreira tradicional vem se dissipando. Poucos trabalhadores se preocupam em seguir a linearidade e as limitações das oportunidades ofertadas pela organização. Visualizando um escasso interesse pelo fortalecimento da carreira, possibilitando uma constante mudança de cargo e modalidade de trabalho, sem a criação de vínculo entre o sujeito e a empresa. Os indivíduos anseiam por mudanças e qualificações, mesmo que isso custe o encerramento precoce de um vínculo. Muito se tem a ver com o dinamismo atual do mercado, que alimenta na sociedade o desejo de um rápido retorno o correlacionando diretamente com a rápida mudança institucional. Evidenciando uma nítida inversão dos valores, onde se nota que o conceito de realização está mais vinculado a ter do que ser.

A estrutura moderna do capital, em si, se fundamenta na flexibilização do trabalho, destacando a busca incessante pela queda dos males da rotina tradicional que, por muitos, é caracterizada como burocrática. (SENETT,1999) A palavra flexibilidade, é metaforizada na língua inglesa, com provérbio que diz: a árvore que se dobra ao vento resiste melhor às tempestades do que aquelas que são mais resistentes. Pois as primeiras, no auge das tempestades ficam dobradas voltando ao seu estado normal logo que passa o vento forte, enquanto as segundas são quebradas ou arrancadas pela raiz, não resistindo depois. Nesse sentido, Sennett (1999, p.53) afirma que:

“Em termos ideais, o comportamento humano flexível deve ter a mesma força têxtil: ser adaptável a circunstâncias variáveis, mas não quebrado por elas. A sociedade hoje busca meios de destruir os males da rotina com a criação de instituições mais flexíveis. As práticas de flexibilidade, porém, concentram-se mais nas forças que dobram as pessoas.”

Contudo, o termo flexibilidade tem íntima relação com novos conceitos de trabalho, novas formas de controlar a vida das pessoas, sem que estas tenham mais liberdade para moldar suas vidas, sem perceberem claramente o que há por traz de cada oferta e cada ação, pois esses novos controles exercem um poder que é muitas vezes ilegível.

Desse modo, a flexibilidade do trabalho muda o significado de trabalho, sendo que a importância da tão defendida “carreira” profissional, como aquele canal de atividades econômicas realizadas durante a vida do trabalhador, com estabilidade garantida legalmente, é bloqueada e o trabalhador vê-se obrigado a migrar de um trabalho para outro, numa ação descrita como “capitalismo flexível”. Sennett (1999) afirma que este aspecto da flexibilização, além de causar confusões, também impacta sobre o caráter pessoal, visto que o lema “não há mais longo prazo” da nova economia coloca em xeque as noções de compromisso, confiança e lealdade.

Sennett (2009) lembra que os filósofos afirmam que a capacidade de flexibilidade é graças aos “poderes de sensação do eu” (SENNETT, 2009, p. 53), que, graças aos estímulos externos, variáveis, surgem os sentimentos morais a que Sennett (2009) atribui a Smith, que os associa a virtudes empresariais. Contudo, a ideologia administrativa apresentada por Sennett (2009) tem a função de ganhar mais eficiência não havendo lugar para experiências incertas. Nesse ponto, Silva (2012) lembra que, as mudanças nas relações de trabalho criaram a necessidade de se estudar a subjetividade, pois estas mudanças impactam na concepção do sujeito e sua subjetividade nas relações de trabalho para compreender o resultado da combinação de emoção com razão e subjetividade com objetividade no contexto do trabalho.

É nesse contexto de instabilidade que ocorrem a abertura econômica e dentro dessa realidade, a reestruturação produtiva, num remodelamento rápido para acompanhar o processo de transformação. As relações de trabalho passam a acontecer dentro de novos parâmetros de atuação do mercado. Os direitos trabalhistas, conquistados nas lutas de classes são desmantelados, o Estado de Bem-Estar precisa deixar de existir para que a nova ordem se estabeleça. (SILVA, 2012).

Partindo da existência de uma contradição entre modernização e uma ampliação da precarização do trabalho, se tem diante de um capitalismo flexível trabalhadores vulneráveis, expostos a risco de adoecimento. A realidade das empresas nesse contexto moderno exige dos indivíduos, cada vez mais, responsabilidade para atender as demandas de produção desconsiderando seus limites e colocando-se acima da necessidade da construção de uma relação saudável entre trabalho e trabalhador.

## 2.2 Trabalho flexível e subjetividade no capitalismo contemporâneo

Foram evidenciados, anteriormente, alguns marcos teóricos de suma importância para a interrelação trabalho, flexibilidade e subjetividade. Realizando nessa seção uma triangulação dos processos evidenciados com a flexibilização das relações para a subjetividade correlacionando com a trajetória da proponente deste estudo.

Para dar início a esse caminho, foram utilizadas pesquisas que possuem uma perspectiva psicológica de como essa flexibilização tem influência na subjetividade, partindo da concepção de Antunes (1995), essas profundas transformações que ocorreram no mundo do trabalho nos anos 1980, nos países de capitalismo avançado, como: as tecnologias, a automação, a robótica e a microeletrônica foram intensas e tiveram repercussão na subjetividade dos trabalhadores, ou seja, provocaram mudanças, também, na forma de ser de cada um. O fordismo e o taylorismo misturam-se a outros processos, como: (neofordismo, neotaylorismo, pós-fordismo), decorrentes das experiências da “Terceira Itália”, na Suécia (na região de Kalmar, do que resultou o chamado “Kalmarismo”), do Vale do Silício nos EUA, em regiões da Alemanha, entre outras, sendo em alguns casos até substituídos, como a experiência japonesa a partir do toyotismo permite constatar (ANTUNES, 1995, p. 16).

Nesse contexto, a produção em série do taylorismo e do fordismo é substituída pela flexibilização da produção com a adoção das medidas do toyotismo, como o “*Just in Time*”, em que a produção em larga escala é substituída pela produção para atender a demanda, numa medida de economia de tempo e espaço. Esta nova realidade exige novos padrões de gestão da força de trabalho, Círculos de Controle de Qualidade (CCQs), na busca da qualidade total, o que aumenta a pressão pelo “erro zero”.

Como afirma Antunes (1995), todo esse processo acontece num capitalismo globalizado, com a diluição dos direitos trabalhistas, reconfiguração do Estado, redução dos postos de trabalho, desfiliação de muitos trabalhadores do mercado formal de trabalho, entre outras questões. E nesse novo contexto das relações de trabalho surge um sujeito moderno que está submetido a esta realidade e, nela, se forma a sua subjetividade, com estreitas relações com o mundo do trabalho.

A trajetória bibliográfica com foco no trabalho da proponente deste estudo reafirma a existência dessa reconfiguração das relações no mundo do trabalho, destacando suas vivências em distintas formas de trabalho: a informalidade, a terceirização e a contratação CLT. Visto que a mesma, assim como os líquidos anteriormente metaforizados por Bauman (2001), precisou se adaptar a cada modalidade de maneira a qual suprisse a demanda de cada função.

Inicialmente, temos em sua trajetória o trabalho informal, que gerou a ela renda e uma experiência para a busca de futuras oportunidades, sendo insuficiente no quesito direitos legais. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) reafirma essa condição do sujeito ao abordar que essa informalidade gera trabalho e renda, contudo, as condições não são consideradas descentes porque os trabalhadores não têm nenhuma garantia legal de seus direitos, chegam a trabalhar por mais de 10 horas, sem estarem afiliados ao sistema formal de trabalho. O que os deixa totalmente sem garantia de aposentadorias, auxílio em caso de doença e sem a condição necessária para reivindicar seus direitos. Pois está desvinculado do sistema formal de trabalho.

Outra forma de trabalho evidenciada na trajetória da proponente deste estudo é o trabalho terceirizado, o qual estava inserida na organização por meio de uma empresa de prestação de serviços. Nessa modalidade os direitos, benefícios e uniformização são ofertados pela empresa terceira e não são os mesmos que a contratação direta pela empresa que recebera os serviços ofertam, causando sentimento de não pertença a empresa contratante.

As empresas passaram a exercer suas atividades por meio dessa terceirização, a partir da promulgação da lei (PL) 4.302/1998, acentuando-se assim a precarização das relações de trabalho no Brasil, por meio da flexibilização da contratação salarial. Alves (2017) chama a atenção para o fato de que a terceirização se tornou a forma mais evidente de flexibilização da legislação trabalhista. Outra questão importante a se observar é o fato de o próprio Estado legitimar esse processo. O contrato é entre empresas. Uma organização contrata outra, esta contrata pessoas para trabalhar por salários menores. Porque parte do salário que seria pago ao trabalhador contratado vai para a empresa que o contratou.

A necessidade da proponente em se sentir pertencente e ter direitos legais a levou a busca por uma colocação no mercado por vínculo de contrato formal de trabalho, amparada pelo regime previsto na Consolidação das Leis de Trabalho (CLT). Que de acordo com Azevedo e Tonelli (2014), é a modalidade que predominou em muitos países ocidentais, apresentando como padrão, as relações de trabalho por tempo indeterminado, com longa duração entre o mesmo empregado e o mesmo empregador, com jornada completa, protegida pela legislação laboral daquele país, possibilitando o Estado de bem-estar social.

A partir dos impactos do processo de flexibilização sobre a trajetória de trabalho da proponente desse estudo, evidencia-se que as profundas transformações no mundo do trabalho também tiveram consequências não favoráveis aos trabalhadores impactando diretamente para a sua subjetividade. Podendo destacar, nesse contexto, o desemprego e a necessidade de possuir uma renda como fatores determinantes para o crescente número de trabalhadores reféns de

maneiras flexíveis de trabalho. Destacando neste a reorganização do mercado de trabalho sem preocupação com o Estado de bem-estar social.

Ao compreender subjetividades como uma forma de interação vinculada, diretamente, pelas relações que se constrói com a sociedade, se tem destaque suas relações com o âmbito profissional do sujeito. Perante a modernização os indivíduos se colocam a disposição do mercado, se adaptando ao que lhe é imposto para buscar meios de se tornar bem-visto pelos demais, mesmo que isso venha acompanhado do aumento de sua vulnerabilidade psíquica.

A construção da subjetividade nas relações de trabalho se fundamenta pela cultura organizacional, influência dos modelos de gestão, modalidade de liderança, necessidade de acompanhar o fluxo de inovações, fatores os quais interferem diretamente para a construção do sujeito como um indivíduo trabalhador. Uma vez que, as relações formais e informais impactam para a construção da subjetividade na vida dos indivíduos.

### 3 METODOLOGIA DO MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA FORMA DE ARTIGOS

A presente pesquisa sobre o estado do dos conteúdos e a inter-relação trabalho, flexibilização e subjetividade dos trabalhadores compreendeu duas etapas. Na primeira, realizou-se um mapeamento da produção na forma de artigos publicados no período de 2018 a 2022. A pesquisa partiu das seguintes perguntas norteadoras: “o que se modifica na dinâmica relacional do trabalho em face da flexibilização do capital? Como os novos paradigmas de uma sociedade contemporânea, em especial a do século XXI, têm influenciado na forma de lidar com a crescente alteração dos vínculos empregatícios e quais implicações daí decorrem para a subjetividade dos trabalhadores?”

Em um primeiro procedimento foram escolhidas as fontes, termos de busca e critérios. Para o início da pesquisa, optou-se pela definição das bases de dados eletrônicas SciELO e Google Scholar. Como fonte de material bibliográfico de periódicos publicados, no período que vai de 2018 a 2022, que foram recuperados, considerando a pertinência do título, resumo e palavras-chave, com base nos descritores: trabalho and capitalismo; modernidade e subjetividade; trabalho e saúde do trabalhador. Para tal etapa, foram adotados os critérios de inclusão: (a) publicados em periódicos científicos, por se tratar de estudos que passam por processo de avaliação e revisão de pares; (b) publicados em português; (c) publicados entre 2018 e 2022; (d) disponíveis na íntegra;(e) abarcavam trabalho and capitalismo; modernidade e subjetividade; trabalho e saúde do trabalhador. (f) apresentavam a reestruturação do trabalho e os impactos para a subjetividade do trabalhador.

Nos critérios de exclusão foram estipulados os seguintes itens: (a) teses, dissertações, resumos, obituários, resenhas, cartas, anais de congressos, editoriais; (b) materiais publicados antes do ano 2018; (c) publicações distantes do tema; (d) artigos de revisão e teóricos; (e) artigos publicados em periódicos não indexados; (f) artigos em inglês e espanhol.

#### 3.1 Material recuperado

QUADRO 1: pesquisa nas bases de dados.

BASE DE DADOS	BUSCA	RESULTADOS	ANALISADOS	UTILIZADOS	FILTROS	CRITÉRIOS
SciELO	Trabalho and Capitalismo	124	20	3	2018-2022	Para utilização foram escolhidos os artigos que, sugestivamente se enquadram melhor nas ideias da



						proponente deste trabalho.
Google Scholar	Modernidade e Subjetividade	Aprox. 15.700	15	3	2018-2022	Pela alta quantidade de artigos encontrados e a existência de artigos repetidos foram considerados os artigos até a página dez.
SciELO	Trabalho E Saúde do Trabalhador	125	12	2	2018-2022 Periódicos: Revista Brasileira de Saúde Ocupacional; Psico-USF; Psicologia em Estudo; Trends in Psychology; Psicologia e Sociedade; Psicologia Teoria e Pessoas; Psicologia Ciência e Produção; Physis: Revista de Saúde Coletiva;	Para utilização foram escolhidos os artigos que, sugestivamente, se enquadram melhor nas ideias da proponente desse estudo.

**FONTE:** Dados de base. Organização: a pesquisadora.

Ao realizar a pesquisa é possível encontrar uma gama de artigos que abordem de diferentes formas os descritores utilizados, abrindo margem para uma amplitude de ideias. Perante os objetivos traçados e o pouco tempo para realização do estudo, foi necessário analisar os artigos encontrados delimitando os quais caminhavam de acordo com a proposta da pesquisa realizada pela proponente deste Trabalho de Conclusão de Curso.

### 3.2 Seleção da produção

**QUADRO 2:** artigos analisados

ANO	TÍTULO	AUTOR (ES)	ORIGEM	METODOLOGIA	RESULTADOS
2018	Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares.	COSTA, Fabiana Alves da	Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas.	Revisão de bibliografia	A sobrecarga da mulher no seu trabalho fora do lar somada à sua jornada doméstica contribui para seu estresse emocional.
2018	Modernidade líquida e suas possíveis implicações para a relação terapêutica	SOUSA, Byanca Alves de Andrade e	Repositório da Universidade Federal de Campina Grande.	Pesquisa bibliográfica do tipo narrativa, de caráter exploratório.	Os resultados apontam certa severidade à psicologia rogeriana por considerar que esta linha não é capaz de capturar a eficácia da clínica rogeriana.
2018	Moda como expressão de identidade no mundo contemporâneo	MOURA, Larissa Leal	Repositório do Pós-Graduação em Psicologia Social do Centro de Ciências de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe.	Levantamento bibliográfico de artigos.	Os resultados apontam certa busca do sentimento de pertença e diferença de posicionamento político e social.
2018	Mobilização subjetiva de trabalhadores de um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas: intervenção em saúde do trabalhador por meio da clínica psicodinâmica do trabalho	MACHADO, Katiusci Lehnard; BECK, Carmem Lúcia Colomé; PERRONE, Cláudia Maria; COELHO, Alexa Pupiar Flores; VASCONCELOS, Raíssa Ottes	Revista Brasileira de Saúde Ocupacional	Pesquisa qualitativa que utilizou como metodologia a Clínica do Trabalho.	Os trabalhadores não se sentem apoiados pelos seus superiores.
2020	(De)Forma trabalhista: flexibilização e precarização pela(s) perspectiva(s) da(s) psicologia(s) do trabalho	LOPES, Fábio José Orsini; SILVA, uilherme Elias da; SHIOZAKI, Marcos Paulo; FREITAS, Sylvia Mara Pires de	Revista Psicologia em Estudo da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá-PR	Resultado de reflexões a partir de uma mesa-redonda em evento sobre as	Os fatores que modificam as relações de trabalho têm impacto direto sobre a saúde dos trabalhadores, além da vulnerabilidade, do isolamento,

ANO	TÍTULO	AUTOR (ES)	ORIGEM	METODOLOGIA	RESULTADOS
				transformações do mundo do trabalho.	da desproteção e do desamparo do trabalhador.
2022	Individualização e trabalho no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil.	IANNI, Aurea Maria Zöllner; COSTA, Maria Izabel Sanches; TRAVAGIN, Isabela Licata Serra	Rev. Saúde Debate  Rio de Janeiro, V. 46	Adotou-se uma metodologia mais aberta com uma busca livre.	A flexibilização do trabalho parece comprometer a autonomia médica, além de colocar ao profissional a necessidade de priorizar a quantidade e não a qualidade de atendimentos, também predominou a individualização.
2022	Algo a ensinar e a aprender: o sofrimento psíquico e a saúde mental de educadores no Alto Oeste Potiguar	CHAVES, Francisco Gilmar da Silva; SOUZA, Bertulino José; MIRANDA, Lucas Vialli Batista.	Saúde Soc. São Paulo, v.31, n.1,	Pesquisa, de natureza qualitativa, com questionário semiestruturado, por amostragem estratificada.	Sofrimento psíquico, cargas excessivas e condições inadequadas de trabalho, estresse constante, forte pressão social, ausência de momentos de lazer, dentre outros.
2022	Felicidade individual como lógica de vida contemporânea e seus impactos na subjetividade e coletividade: uma revisão integrativa.	SILVA, Amanda Santana da; JURITI, caro De Araújo; SILVA, Shirley Nunes; SANTOS, Daniel Alberto S. E.	Ver. Diálogos & Ciência. V. 2. N.1	Revisão integrativa de literatura.	A concepção de felicidade individual como lógica de vida contemporânea na subjetividade e na coletividade tem impactos nocivos em níveis individuais e coletivos.

**FONTE:** Artigos analisados. Organização: a pesquisadora.

Foram trabalhos publicados nas bases de dados: Portal de Periódicos Eletrônicos em *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e *Google Scholar*. Os resultados apontados convergem com o que aponta a literatura consultada no estudo, especialmente no que se vincula às mudanças de comportamento e sofrimentos dos trabalhadores.

### **3.3 A produção científica: resultados e discussões**

O tema que norteou esse estudo para realização da produção do Trabalho de Conclusão de Curso foi as implicações do trabalho para a subjetividade dos trabalhadores na modernidade, buscando compreender a inter-relação trabalho, flexibilização e subjetividade. Foi utilizado artigos para guiar o desenvolvimento do tema proposto.

Os artigos foram recuperados das bases de dados SciELO e Google Scholar, utilizando palavras chaves específicas trabalho, capitalismo, modernidade, subjetividade e saúde do trabalhador. Sendo publicados no período que vai de 2018 a 2022 e foram analisados considerando: título, origem, metodologia e resultados. Devido ao tempo restrito para pesquisa, afinamento do tema e elaboração do estudo, utilizou-se critérios específicos para a definição dos artigos a serem aproveitados para a contextualização do tema proposto, como aponta o quadro 1.

Em seus resultados, traz os impactos do processo de flexibilização sobre a vida dos trabalhadores. Percebe-se que todos sofrem mudanças que vão desde estresse emocional, falta de sentimento de pertencimento à organização onde atuam como funcionários bem como mudança nos posicionamentos políticos, falta de apoio de superiores, vulnerabilidade diante das perdas consideráveis dos direitos, mudanças de comportamentos e perda de autonomia, sofrimentos psíquicos, dentre outros, conforme aponta o quadro 2.

#### *3.3.1 Resultados e Discussões*

Nesta subseção são descritos os resultados da literatura selecionadas, objetivando trazer os temas trabalho, subjetividade, capitalismo e modernidade, que estão em destaque na pesquisa. Realizando uma correlação entre eles com o intuito de avaliar em quais assuntos o tema se desdobra com mais frequência.

Para realizar essa correlação entre os temas em destaque, é exposto um diálogo entre os resultados obtidos pelos periódicos analisados. Partindo das considerações feitas pela proponente da pesquisa e as ideias dos autores selecionados.

Silva et al (2022) traz uma discussão muito importante para a compreensão dos impactos da modernidade na subjetividade. Ao analisar o processo de flexibilização no pensamento de Sennett (1999) mostra que as organizações flexibilizaram o tempo, que chamaram de flexitempo, compondo um mosaico trazendo a agenda das pessoas que em um mês trabalhavam em tempos diferentes, criando uma ideia de liberação do tempo. Essa organização do tempo de

trabalho diferenciada das velhas organizações em que as pessoas permaneciam nos mesmos horários durante seus anos de permanência na organização, é uma ideia que surgiu em função do grande fluxo de mulheres no mercado de trabalho.

Para Silva et al (2022), a maneira como a sociedade se organiza para o trabalho tem influência direta sobre a atividade de cada indivíduo. Logo, impactarão nas relações entre o trabalhador e o trabalho e sobre a sua subjetividade. Assim, Sennett (1999) traz a flexitempo garantindo a liberdade para as trabalhadoras poderem produzir mais e melhor. As desigualdades na relação social entre os sexos se expressam nas posições ocupadas pelas mulheres na divisão sexual do trabalho.

Assim, como afirma Silva et al (2022), o ingresso das mulheres no mercado de trabalho por necessidade de renda para somar às de seus maridos, também trouxe mudanças no padrão cultural. Isso começa a ter reflexo dentro de casa, uma vez que o homem tinha como ideal de cidadão, o trabalhador, provedor de sua família, que exercia seu papel no espaço público do seu trabalho remunerado. Enquanto o papel da mulher estava relegado aos cuidados com a família, exercendo atividades não remuneradas no espaço privado de suas casas, condição que justificava a sua subordinação no matrimônio e na vida pessoal.

Sennett (1999) afirma que as mulheres pobres trabalhavam mais que as mulheres da burguesia. E já em 1990, 50% da força de trabalho técnica e profissional liberal já era composta por mulheres. Isso aconteceu porque havia necessidade e desejo de um padrão de vida mais elevado, o que exigia pelo menos duas pessoas adultas sendo assalariadas na mesma família. Dessas mulheres, muitas trabalhavam em período integral e eram mães, outras trabalhavam em meio período e mães em período integral. As tarefas domésticas também eram atribuições suas.

Nesse mesmo sentido, Costa (2018) afirma que, como a inserção da mulher no mercado de trabalho foi importante para o capitalismo, isso impactou nos seus anseios. Assim, buscaram mais o campo educacional para sua formação e profissionalização, chegando a ter maior número de inclusão e tempo de permanência nas instituições de ensino. Esta condição aumenta o número de homens e de mulheres com formação profissional mais elevada no mercado de trabalho colocando-as cada vez mais independentes financeiramente.

Também o conservadorismo presente na questão da sexualidade apontado por Chaves et al (2022) vai sendo questionado e, aos poucos, sede lugar para novos modos de pensar e agir masculino, tanto nas instituições de ensino quanto em outras organizações do mercado de trabalho, claro, os dados aqui apontados ainda mostram considerável necessidade de mudanças nos padrões culturais, sociais, históricos e políticos, baluartes do comportamento conservador e machista.

Contudo, de acordo com Sousa (2018), estas mudanças necessárias apontadas por Chaves et al (2022) podem ser alcançadas uma vez que uma das características da pós-modernidade, tempo histórico em que se vive atualmente, é exatamente a transitoriedade e aceleração, tudo é fugaz, o que é agora já não o será mais dentro de pouco tempo, e esses aspectos impactam na formação das subjetividades e na constituição das identidades dos sujeitos.

Lopes et al (2020), traz uma discussão típica da modernidade, que é a terceirização, o que vem causando grande sofrimento dos trabalhadores por sucessivas perdas de direitos. Antunes (1995) afirma que o cenário de mudanças no mundo do trabalho “teve profundas repercussões na sua subjetividade e, no íntimo inter-relacionamento destes níveis, afetou a sua forma de ser” (ANTUNES, 1995, p. 15).

O processo de individuação propalado por Ianni (2022) também encontra brechas na modernidade, pois uma das características deste tempo histórico é o individualismo. O que leva à necessidade do trabalhador se tornar cada vez mais desvinculado do sistema formal, na ilusão de que está no controle de sua vida e do seu trabalho.

Moura (2018), em sua abordagem sobre a moda aponta elementos importantes que mostram características desse processo de construção de novas subjetividades, ao afirmar que o modo de vestir e a postura e linguagem indicam a classe social e a formação profissional. Há, nesse sentido uma ligação com o pensamento de Bauman (2001) a respeito da necessidade dos indivíduos de se adaptarem assim como os líquidos, ou seja, a cada momento histórico, o trabalhador se apresenta e se comporta de modo diferente, buscando identificação com a atualidade em que se encontra.

Assim, Machado et al (2018), ressalta as novas necessidades da atualidade, com suas consequências na saúde dos trabalhadores também tem levado a mudanças nas formas de atendimento dos mesmos por parte das instituições. Nesse sentido, pode-se inferir que, em todos os setores da sociedade, acontecem mudanças e estas impactam sobre os comportamentos humanos.

#### **4 TRABALHO NA MODERNIDADE LIQUIDA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A SUBJETIVIDADE DOS TRABALHADORES: BREVES APONTAMENTOS SOBRE O ESTADO DO CONHECIMENTO ENTRE 2018 E 2022**

As pesquisas atuais têm sido realizadas considerando questões de gênero e etnia, pois considera-se que as diferenças são relevantes por apresentarem resultados diferenciados por razões diversas. Neste estudo, não se considerou a questão étnica, mas superficialmente a de gênero. Não sendo realizada uma discussão aprofundada nem neste aspecto por não ser este o foco do estudo.

Foram analisados oito artigos observando os impactos do processo de flexibilização do trabalho sobre a subjetividade dos trabalhadores, em diferentes áreas do trabalho, como saúde e educação. Verificou-se que há convergência entre o que apontaram os estudos de Bauman, Sennett, Braverman e Antunes, quanto às consideráveis perdas sofridas pelos trabalhadores em função do processo de flexibilização da economia.

Costa (2018) mostra que o lugar que o sujeito ocupa na produção exerce influência sobre a percepção que ela ou ele tem de si mesmo. E esta percepção influencia suas perspectivas, sua visão de mundo, seus projetos de futuro e seu comportamento. Isso porque o trabalho tem uma função estruturante nos processos de subjetivação do indivíduo.

Sousa (2018) assevera que, dessa forma, a cultura pós-moderna tem forte influência sobre a subjetividade e sobre os vínculos estabelecidos entre os sujeitos, o que pode trazer sofrimento psíquico, levando-os a buscar ajuda na psicoterapia. Afirma, ainda, que a construção da subjetividade se dá de forma dialética, ou seja, na sua relação com o outro no trabalho, na família e com as instituições.

Moura (2018), ao afirmar que a moda é algo efêmero, de curta duração, mostra que esta está intimamente ligada a tendências ditadas em cada momento, ao mesmo tempo que é uma narrativa da sociedade, pode ser considerada também como identitária. O indivíduo adere a ela se houver identificação com a mesma. A moda está no discurso das pessoas, como mostrou a análise dos estudos realizada pela pesquisadora. As pessoas, mesmo não sendo do ramo da moda, se apropriam do vocabulário ligado à mesma como se este fizesse parte de seu cotidiano.

Para Moura (2018), a moda vai muito além do vestuário porque o vestuário está associado à imagem profissional, pois construção da imagem profissional, e mais:

[...] o vestir pode ser um ato político, social, de classe, de imagem profissional, de manifestação de desacordo com a família, como uma ferramenta de pertencimento, mas também de diferenciação, bem como apenas uma questão estética e um seguimento de tendências, assim como ocorre com a identidade, que pode ser fluida, contraditória [...] (MOURA, 2018, p.88).

Moura (2018) mostra assim que, as mudanças sociais sofridas pela sociedade influenciam as práticas sociais e os modos de comportamento individuais. Pelo vestuário pode-se perceber a qual camada social pertence o indivíduo. Não mostra aspectos como o sofrimento, mas a busca do pertencimento e a fugacidade das coisas o que é uma característica da modernidade tal como apontada por Bauman (2001).

Machado et al (2018), ressalta a importância da criação de espaços coletivos de discussão sobre o sofrimento vivenciado pelos trabalhadores pois esta é uma ação que potencializa a mobilização subjetiva do coletivo, pois estes precisam se proteger do sofrimento causado pelo trabalho e criar formas de modificar a realidade. A pesquisadora chama esta movimentação de mobilização subjetiva e a considera importante para a construção do trabalho coletivo embasado na solidariedade.

Lopes et al (2020) ressalta que a saúde do trabalhador sofre influência direta da forma como este exerce seu papel no trabalho. De modo que a terceirização, por causar perdas, deixando os trabalhadores numa situação de vulnerabilidade, isolamento, desproteção e desamparo tem fortes impactos sobre a saúde dos indivíduos, que foi aqui designado pelo desamparo, social e psíquico.

Para Ianni et al (2022), afirma que a pandemia de Covid-19 causou sofrimento e profundas alterações sociais nas relações de trabalho individualizadas e individualizadoras. Os indivíduos acreditam e se comportam como se fossem responsáveis, culpados, pelos seus próprios problemas. De modo que, converge com Bauman (2001) ao afirmar que as profundas mudanças no mundo do trabalho, moldadas pela pandemia de Covid-19, houve o avanço da telemedicina, com a adesão dos médicos que passam da condição de profissionais autônomos para, também, consumidores, caracterizando aqui, nitidamente uma mudança no comportamento do indivíduo em função de uma nova subjetividade que surge em função de uma situação nova, a pandemia de Covid-19, dentro de um contexto de trabalho que, pelo avanço tecnológico, permite a individuação do trabalho.

Chaves et al (2022), ressaltam que as cargas excessivas e inadequadas de trabalho levam ao estresse constante, como é o caso dos professores, que, por medo dos julgamentos sociais se trancam, buscando apoio nos familiares, amigos e na religião, o que é um comportamento contraindicado, mas se torna uma conduta comum nesta categoria.

Silva et al (2022) afirma que a busca da felicidade é uma invenção alienante e incongruente com a realidade social, uma das características da modernidade, que tem consequências sobre as subjetividades, pois transforma as pessoas em negacionistas, e como



uma ideologia, vai destruindo projetos coletivos que são essenciais para a construção de uma vida feliz.

Depreende-se dos estudos analisados, que a modernidade líquida, em seus múltiplos aspectos, exercem forte influência sobre as condições de trabalho, especialmente por meio da flexibilização deste. Isso tem consequências na vida das pessoas, tanto individual, quanto coletivamente. É necessário, pois, a realização de estudos multidisciplinares no sentido de mostrar alternativas para reparações às perdas dos trabalhadores, tanto financeiras quanto de tempo de descanso e de saúde, para atenuar os seus sofrimentos.

## 5 CONCLUSÃO

Considerando os objetivos e os dados encontrados e analisados, se tem os indivíduos em papel de vulnerabilidade, inconstância e insegurança diante do constante fluxo de informações e tecnologias que a evolução do capital propiciou. As mudanças nas relações de trabalho e sua flexibilização destaca as contradições de um mundo característico de laços fracos.

Os textos analisados apontaram o enfrentamento de problemas de saúde e de permeância no mercado de trabalho, o que é uma característica da modernidade líquida propalada por Bauman (2001) e da flexibilização das relações de trabalho descritas por Sennett (1999), e a formação de novos comportamentos dos trabalhadores para adaptação ao modo capitalista de produção.

A realização do Trabalho de Conclusão de Curso se compõe por uma releitura dos autores apontados nos marcos teóricos e, ainda, realizou-se uma análise comparativa entre suas teorias acerca das mudanças no mundo do trabalho e os impactos destas nas subjetividades. Alcançando, os objetivos do presente estudo.

Percebe-se a necessidade de novos estudos sobre o assunto abordado, uma vez que se faz necessário uma vigilância epistemológica sobre as mudanças no mundo do trabalho e seus impactos na vida das pessoas, as necessidades de formação de novos sujeitos por meio de processos de educação continuada em todas as áreas do conhecimento, para acompanhar as mudanças tão rápidas que vêm acontecendo.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Giovanni. Terceirização: o futuro do trabalho no Brasil. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, vol. 15, n. 2, p. 337-345, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/McLPNGnmsX4FyMhdyVTrcQx/?lang=pt#>. Acesso em: 26 de novembro de 2022.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas: Cortez – Editora da Universidade de Campinas, 1995.
- AZEVEDO, Marcia Carvalho de; TONELLI, Maria José. Os diferentes contratos de trabalho entre trabalhadores qualificados brasileiros. *Gestão Humana e Social*. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo, vol. 15, n. 3, p. 191-2020, maio/jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ram/a/wTn4kCHHWFHJKw9f5gKhxTr/?lang=pt>. Acesso em: 26 de novembro de 2022.
- BAUMAN, Zigmund. **Capitalismo Parasitário**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- BELCHIOR, Carlos. A terceirização precariza as relações de trabalho? o impacto sobre acidentes e doenças. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, vol. 72, n. 1, p. 41-60, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbe/a/6kyQnMZDP4QsbfWz7C9s9BQ/?lang=pt>. Acesso em: 19 de novembro de 2022.
- BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e Capital Monopolista**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1974.
- CARVALHO, Sandro. Uma visão geral sobre a reforma trabalhista. **Mercado de Trabalho**, Brasília, 63, p. 81-94, out. 2017. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8130/1/bmt\\_63\\_vis%C3%A3o.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8130/1/bmt_63_vis%C3%A3o.pdf)> Acesso em: 19 de novembro de 2022.
- CHAVES, Francisco Gilmar da Silva; SOUZA, Bertulino José; MIRANDA, Lucas Vialli Batista. Algo a ensinar e a aprender: o sofrimento psíquico e a saúde mental de educadores no Alto Oeste Potiguar. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 31, n. 1. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/RwrQJSnbsQsQt48z5tZvnYv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.
- COSTA, Márcia. Trabalho informal: um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira. **Caderno CRH**, Salvador, vol. 23, n. 58, p. 171-190, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/yj6WzVDLPLscCtPjYVF7BHh/?lang=pt>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.
- COSTA, Fabiana Alves da. Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 3, n. 6, jul./dez. 2018. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15986>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.

GIMENES, A.M. *et al.* Terceirização: vantagens e desvantagens para as organizações. **Revista INESUL**, Londrina, 2016. Disponível em: [https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol\\_48\\_1488488546.pdf](https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_48_1488488546.pdf). Acesso em: 19 de setembro de 2022.

IANNI, Aurea Maria Zöllner; COSTA, Maria Izabel Sanches; TRAVAGIN, Isabela Licata Serra. Individualização e trabalho no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 134, p. 857-869, ju./set. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/Yr5mYkZfxCXfRSGFndyzRQn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.

LOPES, F. J. O.; *et. al.* (De)Forma trabalhista: flexibilização e precarização pela(s) perspectiva(s) da(s) psicologia(s) do trabalho. **Revista Psicologia em Estudo da Universidade Estadual de Maringá (UEM)**, Maringá, v. 25, set. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicoEstud/article/view/48213>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.

MACHADO, Katusci Lehnhard; BECK, Carmem Lúcia Colomé; PERRONE, Cláudia Maria; COELHO, Alexa Pupiara Flores; VASCONCELOS, Raíssa Ottos. Mobilização subjetiva de trabalhadores de um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas: intervenção em saúde do trabalhador por meio da clínica psicodinâmica do trabalho. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, vol. 43, supl. 1, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/Mz54BTYNsNNBfdKxsm5JY6R/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.

MORAES, Aline.; NASCIMENTO, João.; SILVA, Isabel. **Relações de Trabalho, Subjetividade e Objetividade: uma reflexão teórica acerca dessas três instâncias no contexto organizacional**. UFLA, Lavras, 2010. Disponível em: <[https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos09/261\\_261\\_artigo\\_Subjetividade\\_enviado\\_SEG\\_ET\\_com%20nomes.pdf](https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos09/261_261_artigo_Subjetividade_enviado_SEG_ET_com%20nomes.pdf)> Acesso em: 20 de setembro de 2022.

MOURA, Larissa Leal. **Moda como Expressão de Identidade no Mundo Contemporâneo**. Orientador: Prof. Dr. Eduardo Leal Cunha. Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Psicologia Social do Centro de Ciências de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Psicologia Social. 2018. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/9290/2/LARISSA\\_LEAL\\_MOURA.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/9290/2/LARISSA_LEAL_MOURA.pdf). Acesso em: 20 de novembro de 2022.

PENA, Rodolfo F. Alves. **Fases do capitalismo**. In: Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/fases-do-capitalismo.htm>. Acesso em 18 de outubro de 2022.

PESSANHA, Elina Gonçalves da Fonte; ARTUR, Karen. Direitos trabalhistas e organização dos trabalhadores num contexto de mudanças no mundo do trabalho: efeitos sobre os

trabalhadores da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 18, n. 6, p. 1569-1580, 2013.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/Zf39DH4Xf66zPhKFgyZ8gyf/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.

SENNETT, Richard. **Ilegível**. *In*: A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILVA, A. S.; *et. al.* Felicidade individual como lógica de vida contemporânea e seus impactos na subjetividade e coletividade: uma revisão integrativa. **Revista Diálogos & Ciência**, v. 2, n. 1, p. 25-35, fev. 2022. Disponível em:

<https://periodicos.unifc.edu.br/index.php/dialogoseciencia/article/view/53/84>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.

SILVEIRA, Marcelo Deiro Prates da. Efeitos da globalização e da sociedade em rede via Internet na formação de identidades contemporâneas. **Psicologia: Ciência e Profissão**.

Brasília, vol. 24, n. 4, dez. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000400006>. Acesso em: 26 de novembro de 2022.

SOUSA, Byanca Alves de Andrade e. **Modernidade líquida e suas possíveis implicações para a relação terapêutica**. Orientador: Prof. Dr. Flávio Lúcio Almeida Lima. Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande. 2018.

Disponível em:

<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/14817/BYANKA%20ALVES%20DE%20ANDRADE%20SOUSA%20-%20TCC%20PSICOLOGIA%20CCBS%202018.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.

ZANETTI, Augusto; VARGAS, João Tristan. **Taylorismo e Fordismo na Indústria Paulista**: o empresário e os projetos de organização racional do trabalho. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2007.